



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JOYCIESDRAS LEANDRA SILVA COSTA DOS SANTOS

**Covid e crise de sentido: embates entre religião e ciência em torno da
vacinação contra a COVID19**

RECIFE

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Joyciesdras Leandra Silva Costa dos santos

**Covid e crise de sentido: embates entre religião e ciência em torno da
vacinação contra a COVID19**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Recife, como requisito para a obtenção do título de graduado em Ciências Sociais.

Orientador(a): Roberta Bivar Carneiro Campos

RECIFE

2023

Joyciesdras Leandra Silva Costa dos Santos

**Covid e crise de sentido: embates entre religião e ciência em torno da
vacinação contra a COVID19**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Recife, como requisito para a obtenção do título de graduado em Ciências Sociais.

Aprovado em: 06/10/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Roberta Bivar Carneiro Campos (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dr. Cleonardo Mauricio Junior (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dr. Claudia Wolff Swatowski (Examinador Externo)
Universidade Federal de Uberlândia

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

dos Santos, Joyciesdras Leandra Silva Costa .

Covid e crise de sentido: embates entre religião e ciência em torno da
vacinação contra a COVID19 / Joyciesdras Leandra Silva Costa dos Santos. -
Recife, 2023.

34 : il.

Orientador(a): Roberta Bivar Carneiro Campos

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Ciências Sociais -
Licenciatura, 2023.

9,3.

1. evangélicos. 2. covid. 3. pluralismo. I. Campos, Roberta Bivar Carneiro.
(Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

Graças te dou, Senhor, de todo o meu coração. Chão do meu descanso, primavera do meu ser, este trabalho eu te dedico.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Andar junto é melhor do que andar sozinho e em toda minha caminhada, nessa vida toda até agora, eu nunca estive só. Não foi diferente nesse ambiente da universidade, desde o período de processo para o meu ingresso até esse momento final da minha graduação estive acompanhada de pessoas queridas. Deixo minha imensa gratidão aos meus pais, Emauso e Dasneves, não existe ninguém no mundo que me apoie como eles. Meus encorajadores amados que vibraram com a minha aprovação e com cada período finalizado, que me buscavam na parada do ônibus todos os dias tarde da noite e que voltavam ouvindo com atenção como tinha sido a minha noite na universidade. Agradeço ao meu irmão, Sillas, pelo apoio e ajuda em tudo que eu precisava e solicitava, dentro e fora de casa e pela parceria que só a gente tem. Agradeço aos meus tios Beta e Val e minha prima Renata por me acolherem quando eu não tinha como estar na casa dos meus pais, por abrirem as portas para mim, desde sempre, por cuidarem de mim como os meus pais cuidam durante toda a graduação (e antes e depois disso também).

Durante a minha graduação pude ter muitos encontros e sou grata por isso, conhecer pessoas, conviver com elas, ser ouvida e entendida. Agradeço a professora Roberta Campos, minha orientadora querida, por me ouvir, corrigir e orientar, tudo isso foi de grande importância para mim e me sinto uma sortuda em tê-la ao meu lado durante o final da minha graduação. Agradeço pelos laços que constuei dentro da UFPE e que levarei para a vida com o coração cheio de gratidão, a Judy e Mariana Gomes, minhas amigas e apoiadoras que nunca saíram do meu lado. A Ellen e Matheus meus companheiros de curso e de caminhada até a parada do ônibus rumo ao interior, foram boas conversas e risadas. Aos meus grandes amigos Thalya e Deyvison por sempre torcerem por mim. Sou grata a minha amiga Mariana Novais, pelas orações e desabafos que me lembravam que eu não estava sozinha. A Reydson pelo apoio e por ser meu lugar de paz e alegria.

Esse trabalho tem muito de mim, meus questionamentos e reflexões, coisas que fui desenvolvendo e ao longo de toda a graduação, com o apoio de professores, profissão que eu tanto admiro e escolhi para mim.

RESUMO

A orientação que as pessoas podem ter de escolhas boas ou ruins podem variar muito e o compartilhamento de uma vida significativa também varia de um grupo para outro. Durante a pandemia de COVID19 que teve a declaração de emergência de saúde pública de importância internacional feita por volta de janeiro de 2020 até o fim dessa declaração em maio de 2023, pessoas se posicionaram de formas variadas com relação a o que poderia ser o vírus, seu local de origem, motivos pelos quais o mesmo teria alcançado tantos lugares em tantos países e após as notícias da chegada da vacina para população, quais efeitos isso teria na vida de quem decidisse toma-la. No Brasil, as manifestações a favor e contra a vacinação foram tomadas por diferentes grupos, dentre eles, os evangélicos e de lideranças religiosas e políticas. As redes sociais foram um dos espaços mais utilizados para essa exposição de opiniões e questionamentos, considerando que a maior parte da população estava em casa devido as medidas de prevenção tomadas pelos governos. Diante disso, o presente trabalho de conclusão de curso busca voltar uma rápida análise para esse pluralismo dentro do grupo evangélico no Brasil e o posicionamento de algumas lideranças inseridas nesse contexto durante a pandemia. Considerando como não só os evangélicos, mas toda a sociedade atribui sentido as coisas e compreendem o pluralismo e relativização das ideias, nesse caso envolvendo a ciência e a religião.

Palavras-chave: evangélicos; covid; pluralismo.

ABSTRACT

People's orientation toward good or bad choices can vary greatly, and sharing a meaningful life also varies from one group to another. During the COVID19 pandemic, which saw the declaration of a public health emergency of international importance made around January 2020 until the end of that declaration in May 2023, people took different positions regarding what the virus could be, its place of origin, reasons why it would have reached so many places in so many countries and after the news of the arrival of the vaccine for the population, what effects this would have on the lives of those who decided to take it. In Brazil, demonstrations for and against vaccination were taken up by different groups, including evangelicals and religious and political leaders. Given this, this course conclusion work seeks to provide a quick analysis of this pluralism within the evangelical group in Brazil and the positioning of some leaders inserted in this context during the pandemic. Considering how not only evangelicals, but society as a whole, gives meaning to things and understands the pluralism and relativization of ideas, in this case involving science and religion.

Keywords: evangelicals; covid; pluralism.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	6
2. Os evangélicos no Brasil:	7
3. Pluralismo e COVID19.....	15
4. Considerações finais	30
5. Referências	31

1. Introdução

Quando a notícia de que os estudos de desenvolvimento para uma vacina de combate ao COVID19, que estavam sendo desenvolvidos a meses por grupos científicos em boa parte do mundo, estavam tendo resultados satisfatórios e bem próximos de chegar para a população, o que também chegou junto com essa notícia foi a alegria e euforia para muitos, mas também o medo e desconfiança para outros, ou até o conjunto de tudo isso para outros. Boa parte da população brasileira (e mundial) estava em casa e as redes sociais (Twitter, Facebook, Instagram, WhatsApp) borbulhavam cada dia mais com as notícias. As críticas a aplicação da vacina foram muitas, pois alguns alegavam que a população seria e estava sendo usada como “rato de laboratório”. Dentre essas pessoas, tivemos a manifestação de alguns líderes religiosos e políticos, os memos, com uma grande influência e credibilidade para os fiéis e apoiadores políticos. Investigar as manifestações de indivíduos, mas em específico o envolvimento dos evangélicos é o que buscarei fazer nesse trabalho.

A antropologia da religião, assim como a sociologia da religião há muito se preocupam em estudar os fenômenos religiosos (a filosofia e teologia também se encaixam em alguns desses espaços de estudos), ritualísticos, místicos e emocionais. Em todas as culturas podemos perceber algum tipo de crença identificando algo que lhe é sagrado. Considero importante estudar a forma de como o secularismo moderno bate de frente com o sentimento religioso sagrado e muda cada vez mais a relação entre a religião e a ciência ao longo do tempo e os comportamentos sociais que podem vir a ser considerados consequências disso. Estudar as diferentes manifestações referente aos diferentes tipos de aceitação quando a vacinação contra a Covid-19 é relevante, pois envolve saúde pública, o compartilhamento de fake news, liberdade individual e liberdade coletiva; diferentes motivações que abrem espaço para investigações. Os evangélicos no Brasil são grupos muito variados em vários aspectos e isso não pode ser ignorado. Esse será o principal grupo a ser citado nesse trabalho e suas interações com os acontecimentos que serão descritos em diante. Esse é um grupo grande no Brasil, com milhares de denominações (históricas, tradicionais, independentes), com fiéis de todas as classes, dos mais pobres aos mais ricos. Clara Mafra em seu livro “Os evangélicos (Descobrimo o Brasil)” considera que a chegada e transformações ocorridas nas

igrejas evangélicas brasileiras (e do que é ser evangélico) estão para além de “um efeito meramente conjectural” (MAFRA, 2001). No Brasil, a mobilização de grupos defensores da vacinação e dos que a rejeitam (também conhecidos como *antivacinas*) foi e tem sido muito debatido, e as redes sociais talvez sejam hoje o principal local onde esses indivíduos encontram espaço para manifestar opiniões e se chocam com opiniões opostas. Para inflar tais discussões temos também como já citado, o posicionamento de alguns políticos e de líderes de instituições religiosas, cada um com sua relevância e força na sociedade.

Existe um discurso simplista de que os grupos religiosos são um dos principais, se não o principal fator para a rejeição e formação de grupos antivacina. Mas, falar de religião implica ir além do puramente religioso, implicaria falar subjetivação, individualismo, e fundamentalmente de política, ou seja, existe um emaranhado de controvérsias. E falar da ciência e sua credibilidade diante a sociedade pode ser também falar de questionamentos e desconfiança não só por parte de um grupo religioso, mas de algo mais variado e complexo. Pra Berger e Luckman (2004), a consciência é tomada quando os indivíduos dirigem a sua atenção para algo, um objetivo e um objeto, e um dos fundamentos pelos quais pode surgir o sentido são as vivências.

Os evangélicos no Brasil

No Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística foram contadas 42.275.440 pessoas da população residentes do Brasil que se identificaram como evangélicas. Um grupo grande e bem variado, pois não existe apenas uma igreja evangélica com um único tipo de doutrina, ou seja, seus princípios fundamentais e teologia, a forma como interpretam e estudam o livro que todas essas utilizam em comum, a Bíblia Sagrada. Por isso, considero importante entendermos quem são esses evangélicos e um pouco de como chegaram a esse estágio de divisão.

Clara Mafra, no primeiro capítulo de seu livro “Os evangélicos (Descobrimo o Brasil)” faz um levante histórico acerca da chegada dos missionários vindos da Europa e Estados Unidos, focados na pregação da palavra e na plantação de igrejas protestantes, ligadas a tradição implantada pela Reforma Protestante. Por isso a autora considera importante fazer “um voo panorâmico” (MAFRA, 2001) sobre a

história de algumas das mais conhecidas denominações do Brasil para assim “entender como os evangélicos têm uma perspectiva específica da construção da realidade que se repõe à medida que se transformam, fundem, misturam, realizam alianças, segmentam-se, multiplicam-se” (MAFRA, 2001).

Em nosso contexto, os seguidores das igrejas reformadas e pentecostalizadas se destacam recorrentemente no campo religioso por adotarem uma atitude de “evangelizadores”, de “propagadores e difusores” de uma leitura da Bíblia centrada no Novo Testamento, daí uma certa adequação entre o termo e a identificação da religiosidade. Naturalmente, esta ênfase na “difusão da mensagem” não se fez sempre da mesma forma ao longo de todo o processo, segundo um mesmo ethos, tendo os mesmos agentes (MAFRA, 2001, P.4-5)

O proselitismo é algo que liga as igrejas protestantes no geral, mas existem as divisões entre parte das igrejas evangélicas tradicionais e pentecostais. Dois nomes importantes para a chegada do protestantismo no Brasil são Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel Berg (1884-1963), dois missionários suecos com passagem nos Estados Unidos, que aportam no Pará, em 19 de novembro de 1910 e se instalaram na igreja Batista da região, mas que mais ou menos um ano depois dessa chegada iriam romper com a tradição Batista e seguir uma teologia diferente:

Menos de um ano depois, em 13 de junho, quando um irmão leigo dirigia o culto, outros perceberam que a liturgia se desenvolvia de forma pouco usual: várias das pessoas presentes estava orando em “línguas estranhas”, o que “provocava um vozerio forte e irreverente dentro do templo, e prejudicava quem orava em silêncio”. Um dos irmãos incomodados convocou uma reunião em seguida, pedindo que os membros da “seita” se manifestassem e que fossem “cortados da igreja”. O rigor foi grande e a expulsão resolvida, ainda que dos 13 (em outra versão, 18) membros expulsos quatro tivessem posição de autoridade: secretário, tesoureiro, moderador e diácono. Mas nesse caso, ao contrário de muitas outras cismas batistas, a ruptura se relacionará a uma questão teológica de peso, que inclusive irá transformar o campo evangélico em todo o Brasil e América Latina: a nova igreja que se formava, a Assembléia de Deus, vaticinava que “os homens devem deixar lugar para o Espírito Santo se afirmar” (MAFRA, 2001, P.17-18).

Segundo a autora, o pentecostalismo no Brasil é dividido em três ondas. A primeira está ligada a questões de autonomia e improvisações dos cultos, focados em deixar o Espírito Santo agir (MAFRA, 2001). A segunda onda se dá nos anos de 50 (1951 ou 1953) com a chegada de missionários da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular e os progressos da industrialização e modernização:

“A quebra da rotina do espaço de culto como espaço de contrição e simplicidade, a soma exuberante de elementos signos de modernidade,

desde o vestuário do pastor à sua informalidade e sensualidade, os corinhos alegres e contagiantes, inaugurou um outro estilo de manifestação do Espírito Santo. Nele, o improvisado tendia à informalidade; a autonomia se fazia através do maior direcionamento da mensagem.” (MAFRA, 2001, P.21).

A ênfase no dom de cura, a incorporação de recursos tecnológicos no culto e no proselitismo e a preocupação em encontrar formas rituais adequadas a um público de massa estão presentes na concepção de outras duas denominações criadas no mesmo período: a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo (1951) e a Pentecostal Deus é Amor (1962) (MAFRA, 2001). A terceira onda do pentecostalismo tem como referência a criação da Igreja Universal do Reino de Deus em 1977, no Rio de Janeiro, considerado um celeiro de produções de novas religiosidades.

A própria trajetória religiosa de Edir Macedo é ilustrativa dessa fusão de referentes culturais, pois Macedo nasceu em uma família de católicas devotas, passou por uma iniciação no candomblé, pelo pentecostalismo clássico e pelas ondas renovadas do pentecostalismo norte-americano. Mas foi de modo paulatino que a nova igreja se transformou em um marco do que viria a ser conhecido como o neopentecostalismo. (MAFRA, 2001, P. 22-23)

Cleonardo Mauricio, em sua tese de doutorado traz alguns dados acerca desse crescimento e multiplicação dos evangélicos no Brasil, considerando esse crescimento como rápido e numerosa diversidade interna, não é difícil chegar à conclusão de que a face desse crescimento evangélico é, sobretudo, pentecostal (MAURICIO JUNIOR, 2019). Em 2003 foi publicado o “*Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*”, de acordo com a pesquisa, na região metropolitana de Recife, “os municípios de Recife, Olinda e Jaboatão dos Guararapes apresentam menores percentuais de pentecostais do que os de Igarassu e Abreu Lima, ao norte, com cerca de 24%, e São Lourenço da Mata, Moreno, Cabo de Santo Agostinho, a leste, com mais de 17%” (JACOB, 2003). Dados dos últimos Censos Demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam que, entre 1990 e 2010, a proporção de evangélicos mais do que dobrou no país: de 9% da população, em 1990; para 22,2%, em 2010.

Ao andarmos pelas ruas da região metropolitana de Recife e cidades circunvizinhas, podemos parar e identificar um grande número de templos religiosos evangélicos. Durante alguns anos frequentei a cidade de Abreu e Lima (18 km de Recife) e constantemente me surpreendia com o número de igrejas evangélicas que

podem ser encontradas numa mesma rua da cidade. Mas como chegamos a esse ponto de tão grande variedade de instituições, doutrinas, teologia e usos e costumes no meio protestante brasileiro? No livro “*Quem tem medo dos evangélicos?*”, escrito por Gutierrez Siqueira, editor do blog Teologia Pentecostal e membro e professor de Escola Dominical na Igreja Evangélica Assembleia de Deus - Ministério Belém em São Paulo (SP), o autor, em seu primeiro capítulo desenvolve a questão acerca do que é ser evangélico (especialmente no Brasil). O autor diz:

“A Igreja Católica no Brasil nasceu como a religião do Estado, enquanto o movimento evangélico veio silenciosamente de baixo e se desenvolveu principalmente em sua face mais numerosa que é a pentecostal entre os mais pobres (...) Nas ruas mais famosas das grandes cidades brasileiras não faltam bares, *pizzarias*, salões de beleza e igrejas evangélicas - e todos esses empreendimentos falam dos anseios dos mais pobres (bebida, comida, beleza e fé).” (SIQUEIRA 2022)

A face do evangélico no Brasil escandaliza até parte dos próprios protestantes, pode-se dizer que todo evangélico é protestante, mas nem todo protestante é evangélico. Segundo Cleonardo:

A principal diferença diz respeito ao termo “evangélico”, que se afasta de seu uso na tradição americana e assume o papel de uma categoria guarda-chuva, abarcando todas as igrejas ligadas de alguma maneira à Reforma. Sendo assim, as igrejas protestantes históricas, as igrejas renovadas, os pentecostais clássicos e os neopentecostais se encontram sob a mesma rubrica (MAURICIO JUNIOR, 2019, P. 62).

Mesmo considerando os grupos evangélicos abarcando igrejas renovadas e pentecostais, não tem como ignorar o grande crescimento do grupo pentecostal nesse meio e por isso Cleonardo, considera possível perceber um movimento de resignificação do termo evangélico no imaginário da nação.

A categoria “evangélico”, no Brasil, continua abrangendo desde as igrejas pentecostais, o que se convencionou chamar de neopentecostais, as igrejas protestantes históricas e protestantes carismáticas. Não obstante, ao assumirem a hegemonia do campo evangélico, as igrejas pentecostais passaram a reivindicar para si o poder de definir o que é ser evangélico no Brasil (MAURICIO JUNIOR, 2019, P. 63).

Os acontecimentos da reforma protestante no século XXVI vão desencadear os avanços e transformações de suas doutrinas, os “evangélicos”, os “protestantes” e os “reformados” vão formar pequenos grupos dentro desse grande grupo. Os evangélicos podem ser considerados: “protestantes com forte ênfase na evangelização de massas e na piedade individual (...) com ênfase no novo

nascimento e na fé individual” (SIQUEIRA, 2022). Temos um pluralismo de diferentes opções religiosas coexistindo na mesma sociedade e do discurso secular e religiosos, também coexistindo na mesma sociedade (BERGER, 2017).

Considero importante citarmos os protestantes fundamentalistas, pois entender como se comportam nos ajuda a identificá-los em nossos espaços. O protestantismo fundamentalista nasceu nos Estados Unidos no século 19, seu primeiro propósito foi como reação ao avanço do liberalismo, porém isso mudou no século XX com o que ficou conhecido como sua segunda geração. De acordo com Gutierrez Siqueira:

Os fundamentalistas são protestantes que, de modo geral, desconfiam profundamente da ciência, da cultura, e do mundo acadêmico. Tendem a uma leitura literalista da Bíblia, inclusive de gêneros que não podem ser lidos como literais (poesia hebraica e literatura apocalíptica, por exemplo). Os fundamentalistas, assim como os antagonistas liberais, são racionalistas extremados desconfiados de tudo que soe místico (SIQUEIRA, 2022)

Nesses casos, protestantes fundamentalistas podem ser separados do grupo evangélico mais moderado, e entrando no ponto acerca do misticismo, o evangelicalismo no Brasil é em sua grande maioria pentecostal. Porém, generalizar um grupo tão grande não é o melhor caminho a se seguir numa análise social. Para Cleonardo:

(...) em um cenário onde as igrejas pentecostais parecem mais interessadas em produzir cidadãos ao invés de fiéis, não se pode abrir mão de complexificar ao invés de homogeneizar as análises, buscando a compreensão de como tem se dado, na prática, o engajamento dos crentes pentecostais nos debates acerca de temas controversos na esfera pública” (MAURICIO JUNIOR, 2019, P. 37-38)

Ao adentrarmos na questão política, muitos podem pensar que a variedade desses grupos cristãos protestantes em suas ramificações pode desaguar no mesmo lugar, no anseio por um messias, o que não é necessariamente todo o caso. Durante décadas o sentimento do nacionalismo cristão veio de forma crescente, o desejo de um presidente evangélico, alguém sentado na cadeira de cargo mais importante da nação faria com que a misericórdia e graça de Deus fosse derramada de forma mais abundante no Brasil. A evidência desse desejo messiânico não surgiu em 2018, mas antes disso. Em 1954 tivemos o primeiro presidente protestante, João Fernandes Campos Café, era membro da Primeira Igreja Presbiteriana de Natal, no Rio Grande do Norte. Entre 1974 e 1979 tivemos o General Ernesto Geisel, membro da Igreja Luterana no Rio Grande do Sul. Nas eleições presidenciais de 2002

tivemos o candidato Anthony Garotinho que na época foi o “candidato dos crentes” - nessas eleições Luiz Inácio Lula da Silva venceu no segundo turno com grande apoio dos evangélicos. Nas eleições presidenciais de 2010 tivemos outro nome cotado: a grande aposta messiânica foi Marina Silva, mas quem venceu a eleição foi a petista, Dilma Rousseff; e o mesmo nome foi levantado em 2014. Já em 2018 grandes mudanças haviam ocorrido nos 4 anos passados, com isso, o surgimento de novos nomes, e nesse caso, alguns poderiam pensar que o próprio nome era sugerível, um candidato de extrema-direita foi eleito, Jair Messias Bolsonaro - também nesse mesmo período tivemos o candidato Cabo Daciolo, com suas teorias conspiratórias e gritos de “glória a Deus”. Embora nominalmente católico, Bolsonaro foi abraçado e aclamado pelos evangélicos que já ansiavam pelo candidato Messias, abraçado por pastores nacionalmente conhecidos nesse meio, como o Pastor Everaldo - que até o batizou no Rio Jordão - e Silas Malafaia que viria a ser um grande apoiador e defensor do agora ex-presidente (mesmo após sua derrota nas eleições presidenciais de 2022).

A busca dos evangélicos por representantes em todos os tipos de cargos políticos pode nos levar a questionar tais motivações, segundo Cleonardo Mauricio Junior em sua tese:

(...)contestar as noções prevaletentes de povo, nação e cidadania tornou-se parte da agenda dos líderes evangélicos. O papel de protagonistas parecia estar disponível e os líderes evangélicos não queriam deixá-lo escapar. (MAURICIO JUNIOR, 2019, P. 75)

Foi em 2018, após a vitória de Jair Bolsonaro que temos a grande crescente do que conhecemos hoje como “bolsonarismo”. Pautas como aborto (contra a legalização), “doutrinação esquerdista nas escolas” e ameaça comunista na economia foram trazidas por eles e defendidas por seus apoiadores. Gutierrez Siqueira faz uma crítica a tais posicionamentos de parte dos evangélicos e suas lideranças no cenário político citado acima:

“Os evangélicos traem a própria fé quando buscam um messias político. A crença de que existem ungidos para governar o Estado despreza todo ensino neotestamentário segundo o qual a unção é para todos os crentes habitados pelo Espírito Santo (1Jo 2.20) - não se trata, portanto, de uma classe específica de seres espetaculares. Além disso, a defesa apaixonada de um político, ignorando os erros e justificando todas as falcatruas, contraria a própria doutrina cristã conservadora de que o ser humano é essencialmente inclinado ao pecado. o messianismo, que é uma longa tradução brasileira, usurpa o lugar que cabe unicamente a cristo. É antipolítica e um anticristianismo. É antipolítica porque reveste de sagrado o

que não é sagrado. É anticristianismo porque coloca sobre o homem a coroa que não lhe pertence.”
(SIQUEIRA 81-82)

O sacerdócio universal dos crentes. Segundo a Bíblia, em seu Novo Testamento, o que era conhecido como o “sacerdote” no Velho Testamento ganha um novo significado. Jesus Cristo passa a ser o grande sumo sacerdote, ou seja, ele passa a ser o único mediador entre Deus e os homens e ainda, por causa disso, todos os crentes partilham desse sacerdócio (todos).

No século XVI durante a reforma protestante essa ideia do *Sacerdócio Universal de todos os Crentes* passa a ser levantada por Martinho Lutero, colocando em xeque a forma como a Igreja Católica estava vivenciando tal sacerdócio, segundo o reformador:

“De posse da primogenitura e de todas as suas honras e dignidade, Cristo divide-a com todos os cristãos para que por meio da fé todos possam ser também reis e sacerdotes com Cristo, tal como diz o apóstolo Pedro em 1 Pe 2.9... Somos sacerdotes; isto é muito mais que ser reis, porque o sacerdócio nos torna dignos de aparecer diante de Deus e rogar pelos outros”.

E seguiu:

“Tu perguntas: ‘Que diferença haveria entre os sacerdotes e os leigos na cristandade, se todos são sacerdotes?’ A resposta é: as palavras ‘sacerdote’, ‘cura’, ‘religioso’ e outras semelhantes foram injustamente retiradas do meio do povo comum, passando a ser usadas por um pequeno número de pessoas denominadas agora ‘clero’. A Escritura Sagrada distingue apenas entre os doutos e os consagrados, chamando-os de ministros, servos e administradores, que devem pregar aos outros a Cristo, a fé e a liberdade cristã. Já que, embora sejamos todos igualmente sacerdotes, nem todos podem servir, administrar e pregar. Como disse Paulo em 1 Co 4.1: “Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo, e despenseiros dos mistérios de Deus.” (A Liberdade do Cristão, cap. 17).

Os acontecimentos da Reforma Protestante no século XVI trouxeram grandes divergências litúrgicas, eclesiais e teológicas para a igreja cristã católica, que perde sua catolicidade *universal* e passa a dividir espaço nas sociedades com novas igrejas (protestantes) - que muito a criticam. Durante o período eleitoral em que Jair Bolsonaro esteve envolvido e durante o seu mandato, seu comportamento foi comparado com o do “sumo sacerdote” por seus apoiadores e opositores, seja a partir de suas pautas fundamentalistas ou de seu posicionamento que em um

momento o levou em 2020 a convocar todo o povo brasileiro a um jejum. Considerando o papel do sumo sacerdote diante a Bíblia e a história da igreja, esse é alguém que toma decisões corretas direcionadas por Deus e por isso tem a confiança do povo. Bolsonaro ser considerado um sumo sacerdote trouxe para si tais atributos de fé e credibilidade por parte de alguns evangélicos. A proposta de tal jejum nacional foi do pastor Willian Ferreira, da Igreja Assembleia de Deus Ministério Cruzada de Fogo, de Monte Sião (MG), com o intuito de levantar um tipo de clamor contra a pandemia do COVID19. Em entrevista à rádio Jovem Pan, Bolsonaro reiterou a ideia. “Sou católico e minha esposa, evangélica. É um pedido dessas pessoas”, disse. De acordo com o Censo Demográfico 2010, o crescimento da população evangélica, passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. Dos que se declararam evangélicos, 60,0% eram de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8 %, evangélicos não determinados, os católicos passaram de 73,6% em 2000 para 64,6%, ou seja, a fala de Bolsonaro se estendia a mais de 80% da população cristã.

Durante todo o período da pandemia do COVID19, na época, o então presidente foi cobrado por grande parte da população que se posicionasse atendendo as necessidades básicas da saúde coletiva, pode-se listar muitas falas de Bolsonaro desmerecendo a gravidade de tão grande tragédia e poucas vezes se reiterando disso até depois do fim do seu mandato.

Compreender a realidade política do período da pandemia do COVID 19 é importante para observarmos melhor as decisões e posicionamentos de muitos políticos, líderes religiosos e membros de igrejas evangélicas em todo o Brasil. Silas Lima Malafaia que é um pastor neopentecostal, líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, foi um dos nomes que frequentemente podíamos ver em jornais televisionados e nas páginas de redes sociais, graças ao seu posicionamento diante do que era o desconhecido (no período) Coronavírus e como tratá-lo. Entrar no campo da temática “COVID 19” e sua vacinação é entrar num grande emaranhado de fake news, informações distorcidas (desinformação e desserviço), teorias conspiratórias por parte de lideranças políticas e religiosas com relação a saúde coletiva, causando a minimização de uma pandemia que ceifou a vida de milhões de pessoas ao redor do mundo. Segundo uma pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) indica que o número de mortos chegou a 230.452 no Brasil.

A variedade de interpretação da *Bíblia Sagrada*, livro base e fundamento da religião cristã, pode ser motivadora tanto para a negação quanto para a aceitação dos que lhe referem. Versículos bíblicos são usados por esses cristãos para embasar aquilo que creem, a hermenêutica e exegese desses textos podem variar, esse talvez seja um ponto de divergência entre o próprio grupo cristão. Eduardo Dullo estudando essa ideia do autor, resume que para Talal Asad a força desses rituais espirituais influencia não só a mente, mas também o corpo e são nesses pontos onde encontram-se as bases para a moral e virtude que tanto buscam (DULLO, 2015). *“Tais práticas não ocorrem num vazio, mas estão articuladas aos textos da tradição, dotados de autoridade, exibindo a conexão entre os aspectos.”* (DULLO, 2015, p.8). A interpretação que os líderes religiosos fazem de tais textos e o que é pregado nos púlpitos das igrejas evangélicas no Brasil reverberam na sociedade, algumas pessoas podem considerar isso bom, outras nem tanto, mas seja como for, o poder da conversão de ideias pode ser não só mental, como físico, considerando que tal influência alcança não só o campo metafísico e espiritual, mas também a forma de se viver a vida. O protestantismo tem a Bíblia como regra de fé e prática e a forma como pastores e demais líderes interpretam e expõem tais ensinamentos nas igrejas pode atingir e pesar nas escolhas pessoais dos fiéis em suas vidas.

Soma-se a isso bandeira do crente-cidadão (JUNIOR, 2019) vem sendo erguida a anos e o pastor Silas Malafaia faz parte desse levantamento. Em 2010 ocorreram os debates acerca do projeto de lei (PLC) 122/2006, 81 apresentado pela então deputada Iara Bernardi que, dentre outras coisas, acrescentaria o crime de homofobia à Lei nº 7.716 (que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor). É o pastor Silas Malafaia, presidente da igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC), quem combateu de frente o que chama de “ativismo gay” em nome dos “valores da família” e se torna figura chave desses embates (JUNIOR, 2019). Em seu Twitter ele comentou: “Os evangélicos ficaram alienados da vida social, como se fossem anjos, pensando q (sic.) são exclusivamente espirituais. Acordamos, somos cidadãos”. Essa não foi a única manifestação contrária do pastor a decisões de políticas sociais (JUNIOR, 2019).

2. Pluralismo e COVID 19

No fim dos anos 1990, o até então médico, Andrew Wakefield, publicou um artigo na revista médica *The Lancet* levantando a hipótese de que a vacina tríplice viral, (para sarampo, caxumba e rubéola), (MMR, na sigla em inglês) tinha um vínculo direto com a causa do autismo em crianças, partindo de um estudo realizado com 12 crianças. Depois dessa publicação a notícia espalhou-se pelo mundo, influenciando não só a queda nas baixas da vacinação no Reino Unido como em outros lugares no mundo. A rejeição de pais e mães em vacinar seus filhos e até a si mesmos vem mantendo-se firme com o passar dos anos. As motivações de tal rejeição podem variar, envolvendo a negação da pesquisa científica por causa da disseminação de falsos dados, como os publicados por Andrew Wakefield, e alinhado a isso podem envolver também questões políticas ou religiosas. Segundo o Portal Butantan:

As vacinas não causam autismo. Inúmeros estudos já analisaram essa questão e nenhum deles encontrou qualquer evidência sobre uma suposta relação entre a vacina e o autismo. Uma das maiores pesquisas sobre o assunto foi divulgada em 2015 no *Journal of the American Medical Association* e avaliou 95.727 crianças norte-americanas entre 2001 e 2012. A análise dos dados mostrou que a vacinação com uma ou duas doses da vacina tríplice viral (para sarampo, caxumba e rubéola), não estava associada ao risco aumentado de transtorno do espectro do autismo em qualquer idade (ABDULLATIF, MONTEIRO, 2021).

No final de 2019 os primeiros indícios de uma doença desconhecida passaram a acender um sinal de alerta na Organização Mundial de Saúde (OMS). A cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China foi o primeiro local a registrar um tipo de pneumonia que num futuro próximo seria registrado como um vírus nunca antes identificado em um ser humano, o coronavírus. De início, precisamos lembrar da grande interrogação que pairou sobre o mundo durante alguns meses, o vírus passou a se espalhar pelo mundo todo, de forma totalmente descontrolada, a OMS, em 30 de janeiro de 2020 declarou uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), temos o início de uma pandemia que duraria dois anos, mas de consequências irreparáveis. Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), ao todo, sete coronavírus humanos (HCoVs) já foram identificados: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e o, mais recente, novo coronavírus

(que no início foi temporariamente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2). Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. Com o passar dos meses milhares de mortes foram sendo registradas em países ao redor do mundo, logo medidas de prevenção passaram a serem tomadas, o uso de máscaras, de álcool em gel, distanciamento social, higienização e quarentena - nesse caso houveram momentos que a mesma era sugerida para todos, infectados ou não, mas principalmente para pessoas que se enquadraram no grupo de risco (idosos, pessoas com pneumopatias graves ou descompensadas, doenças cromossômicas com estado de fragilidade imunológica; etc). Como medida de prevenção, escolas foram fechadas, assim como o comércio, igrejas, casas de festa, estádios de futebol, shopping, lanchonetes e quase tudo que pudesse levar a um aglomerado de mais de 5 pessoas em alguns períodos da pandemia (VIEIRA, 2020).

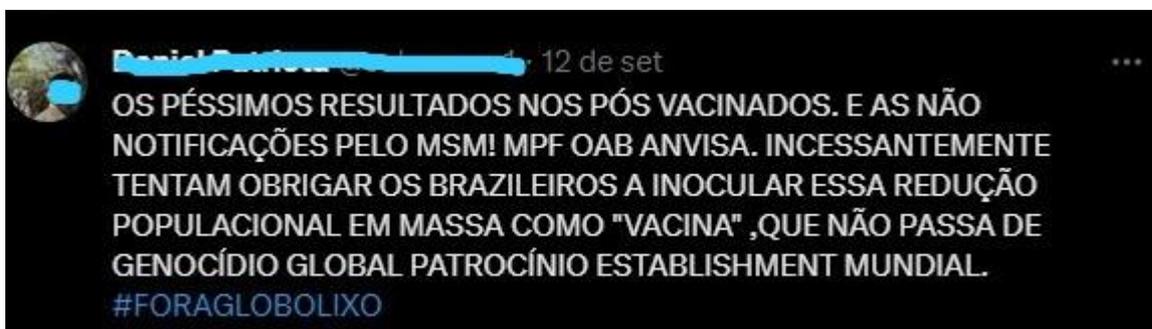
As consequências dessas decisões dos Estados brasileiros não agradaram a todos e é aqui que entramos em um aglomerado de informações, desinformações e acontecimentos que agravaram e tornou em certos momentos de difícil controle. O cenário político no Brasil é um ponto crucial para analisarmos esses acontecimentos. Em 2018, Jair Messias Bolsonaro (PSL) foi eleito presidente do Brasil com 55,13% contra 44,87% de Fernando Haddad (PT). Jair Bolsonaro levantou pautas consideradas conservadoras e de grande interesse para a direita e extrema direita brasileira.

Como usuária da rede social, Twitter, acompanhei muitas discussões sobre esses temas (pandemia e política) que por vezes estive nos assuntos mais falados nacionalmente e mundialmente da plataforma. Navegando, via discussões e pessoas se ofendendo e questionando coisas como o caráter umas das outras e de forma incisiva falando quem estava no grupo dos bons e coerentes e que estava no grupo dos maus e ignorantes diante suas falas e posicionamentos sobre a pandemia. Observar isso me trouxe muitos questionamentos e desejo de entender o porquê de as pessoas estarem se comportando daquela forma. Com isso fui salvando postagens e tirando prints de tela com o intuito de quem sabe um dia poder observar com mais cautela do que estava acontecendo ali. Muitos desses prints e imagens não constam nesse trabalho, pois considerei não ser viável trabalhar todas as imagens em um TCC. Por isso, trouxe apenas algumas imagens buscando

encaixa-las no contexto da discussão. Entre Facebook, Instagram, WhatsApp a plataforma que escolhi para trazer as imagens de prints foi o Twitter, considerando ser a rede que mais utilizei nesse período de pandemia para acompanhar as discussões acerca da pandemia em si e do desenvolvimento e aplicação das vacinas. Preferi por cobrir no print a foto de perfil e nome dos usuários que não se encaixam no perfil de figura pública como no caso do pastor Silas Malafaia.

A forma como Bolsonaro governou, nos tempos de pandemia, foi considerada por muitos como perigosa e até como um desserviço para o povo brasileiro. Com o desenvolvimento da primeira vacina contra o COVID19, os primeiros testes e sua chegada ao Brasil, o então presidente não se mostrava muito confiante, são dezenas de falas descredibilizando a pesquisa científica e a verdadeira eficácia da vacina. Bolsonaro tinha o apoio fiel de muitos líderes religiosos de grupos evangélicos que reproduziam e credibilizavam as falas do então presidente nos púlpitos de suas igrejas. As redes sociais são os espaços mais utilizados para a disseminação de informações e desinformações acerca das vacinas, e após o advento da pandemia isso aumentou ainda mais. Em 2021, as vacinas poupam 19,8 milhões de vidas, segundo estudo publicado na revista *The Lancet Infectious Diseases*. Mesmo diante o fim do alerta vermelho, a liberação e aberturas de serviços públicos e privados, porque ainda há quem negue tais benfeitorias da vacina contra a covid19 e tantas outras? Em setembro de 2023 o comentário na imagem abaixo foi publicado no Twitter (acompanhado de um vídeo que alertava acerca da mesma vacina):

Figura 1: revolta sobre os resultados



Fonte: Disponível em: <https://twitter.com/sobrenom1/status/1701565734172729357>

Mesmo com tantos indivíduos rejeitando a prevenção por meio da vacinação, a credibilidade científica vem se popularizando cada dia mais. As controvérsias que podemos encontrar entre o meio científico e a população podem ajudar a investigar o tema dessa negação. Em um artigo intitulado “Ciência e Controvérsia”, publicado em 2009 pelo professor associado no Instituto de Educação da universidade de Lisboa, Pedro Rocha dos Reis, o autor discorre através dessa tal *controvérsia* na área científica Segundo ele:

Utilizações incorretas e efeitos secundários indesejados da tecnologia têm desencadeado fortes reações da sociedade. Discutem-se e impõem-se restrições ao financiamento e à investigação científica e tecnológica. Uma parte significativa da população tem perdido confiança nas potencialidades da ciência e, simultaneamente, as crenças pseudocientíficas ganham terreno. (REIS, 2009. p.1)

De acordo com o autor, em sua crítica à instituição científica, atribui a mesma certa culpabilidade, já que mesmo baseada na racionalidade e cooperação, também é competitiva e conflituosa, o que gera competitividade, controvérsias e aumento ou diminuição da credibilidade de grupos científicos. Para ele:

...diversas propostas científicas e tecnológicas têm desencadeado fortes reações na sociedade, passando a constituir o centro de outro tipo de controvérsias: as controvérsias sócio-científicas. Estas controvérsias não se resumem a disputas acadêmicas internas e restritas à comunidade científica consistindo, isso sim, em questões relativas às interações entre ciência, tecnologia e sociedade (nomeadamente, as polémicas despoletadas pelos eventuais impactos sociais de inovações científicas e tecnológicas), que dividem tanto a comunidade científica como a sociedade em geral, e para as quais diferentes grupos de cidadãos propõem explicações e tentativas de resolução incompatíveis, baseadas em valores alternativos. (REIS, 2009. p.10)

Tais valores podem variar, esses aspectos *sócio-científicos* podem apresentar diferentes implicações: sociais, morais ou religiosas:

De acordo com Nelkin (1992), as controvérsias sócio científicas podem ser suscitadas: a) por implicações sociais, morais ou religiosas duma teoria ou de uma prática científica; b) por tensões sociais entre direitos individuais e objectivos sociais, prioridades políticas e valores ambientais, interesses económicos e preocupações relativamente à saúde resultantes de aplicações tecnológicas; c) pela afectação de recursos financeiros públicos a grandes projetos científicos e tecnológicos em detrimento de outros projectos, nomeadamente, em áreas sociais. (REIS, 2009. p.11)

Verifica-se, assim, que controvérsias deste tipo não podem ser resolvidas simplesmente numa base técnica pois envolvem outros aspectos, nomeadamente hierarquizações de valores, interesses, necessidades e crenças.

Provar ou não a existência de um deus não me parece ser o foco dos estudos das ciências sociais que falam sobre questões religiosas; a influência de tais manifestações nos meios sociais é o que mais interessa. A modernidade trouxe ao homem muitas possibilidades e uma liberdade maior de escolhas e o sentimento religioso acompanhou as mudanças que seguiram as revoluções. Mas, ainda assim, avanços tecnológicos e sociais não foram o suficiente para findar com tal sentimento, as demandas religiosas, espirituais e místicas da condição humana ainda continuam ativas. Peter Berger (2017) ao falar sobre o discurso secular considera equivocada a parte da teoria da secularização que considerou o declínio da religião, para ele, a modernidade realmente produziu um discurso secular que permite as pessoas um afastamento das referências religiosas, mas não o seu fim.

Os efeitos dessa modernidade trouxeram à sociedade europeia novos espaços de trabalho, novos ambientes de moradia, novos tipos de interações sociais acompanhados de suas problemáticas. Foi quando também a autoridade cristã institucional se viu em queda, passando a ser cada vez mais questionada sobre qual lugar essa autoridade religiosa poderia (se é que lhe cabia) estipular algum tipo de ordem em questões sociais e políticas. O individualismo é uma das principais marcas trazidas pela modernidade que se afasta do pensamento religioso de ortodoxia cristã que se volta (ao menos em seu principal discurso) para interesse no sentimento coletivo de uma comunidade de fé. Nesse caso, fazer da religião um problema não parece ser o melhor caminho para o entendimento de como conviver com tal fenômeno. A pandemia mundial causada pelo coronavírus e a vacinação contra o vírus, aflorou bastante as discussões acerca da ciência, nesse caso, relacionado ao desenvolvimento de tal vacina. Em muitos casos pessoas chegam a negar a vacina, em outros, chegam a agradecer, por enxergarem o acontecimento da vacinação como algo que traz esperança. O poder que essas manifestações mostraram ter diante a sociedade fez com que grupos fossem separados, a ciência foi conclamada e de alguma forma posta contra a crença de alguns grupos religiosos.

No livro “Os múltiplos altares da modernidade” do sociólogo e teólogo luterano, Peter Berger, o autor analisa “o paradigma da religião numa época

pluralista” (BERGER, 2017). Para isso ele traz suas análises do termo e fenômeno “pluralista” logo no primeiro capítulo, e uma análise do discurso secular no capítulo

4. Essa é a definição que Berger faz acerca do termo “pluralismo”:

...é uma situação social na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e interagem amigavelmente. Essa última expressão é importante. Faz pouco sentido falar de pluralismo quando as pessoas não falam umas com as outras – por exemplo, quando as pessoas interagem, mas somente como senhores e escravos ou quando elas vivem em comunidades fortemente segregadas e somente interagem em relações exclusivamente econômicas (BERGER, 2017).

Falar de religião implica ir além do puramente religioso, o que nos leva a temas como política, individualismo, subjetivação, secularismo, emoções e até magia. Para desenvolver algumas dessas temáticas utilizarei o texto *“Formations of the secular. Christianity, Islam, modernity”* de Talal Asad, publicado em 2003 como uma coletânea de 7 textos, onde o autor busca analisar a formação do *secular* a partir de sua relação com fenômenos religiosos. Asad, faz uma crítica ao conceito universal de religião utilizado para então fazer-se compreender os fenômenos religiosos. Segundo o autor:

Meu argumento é que não pode haver uma definição universal de religião, não apenas porque seus elementos constituintes e suas relações são historicamente específicos, mas porque esta definição é ela mesma o produto histórico de processos discursivos (ASAD, 2010, p. 264).

Asad considera que a Reforma Protestante tem influência nessa ideia universal de religião e se expande ainda mais com o colonialismo. Então, considera que:

não são apenas os símbolos que implantam disposições verdadeiramente cristãs, mas o poder – que vai das leis (imperial e eclesiástica) e outras sanções (o fogo do inferno, a morte, a salvação, a boa reputação, a paz) às atividades disciplinares das instituições sociais (família, escola, cidade, igreja) e dos corpos humanos (jejum, prece, obediência, penitência) (ASAD, 2010, p. 267-268).

Essas relações de poder e saber serão utilizadas para analisar o eixo que envolve liberdade individual e interesse coletivo voltados para a vacinação contra o Covid-19, e como as razões religiosas se alinham com tais interesses e liberdades. O poder de influência que líderes religiosos alcançam também posicionamentos importantes da vida de seus liderados, resta investigar até que ponto esse tipo de influência parte diretamente dos púlpitos e redes sociais desses líderes e onde se iniciam ou

interligam outros tipos de influência como a desconfiança e falta de credibilidade que a ciência, e falando da fabricação de vacinas, que o mercado farmacêutico carrega.

A *análise de controvérsias* é uma das principais bases e passo a ser seguido no desenvolvimento deste trabalho. Segundo Eduardo Dullo:

A metodologia de análise de controvérsias é particularmente instrutiva por colocar em destaque as diferentes conceituações que os agentes possuem a respeito de um determinado assunto ou conceito. Além disso, essa abordagem evita que o trabalho do pesquisador torne-se a descrição de uma (única) visão de mundo ou ponto de vista sobre o acontecimento, elevando-o a um status que não encontra ressonância no mundo social (maximizando sua visibilidade ou tornando-o legítimo) ou utilizando-o para realizar um julgamento moral sobre a situação. Ao levar a sério múltiplas posições contrastantes e em conflito, o pesquisador é levado a analisar não apenas como os agentes se apresentam publicamente, mas, sobretudo, como se constroem as relações (assimétricas) entre eles e o exercício de poder de um sobre o outro – e deles em relação à normatividade imperante. (DULLO, 2015, p. 3)

Asad questiona o que pode tornar um discurso e uma ação religiosa ou secular? (ASAD, 2021. p.19). Segundo o autor, uma de suas premissas fundamentais é considerar que “o ‘secular’ é conceitualmente anterior à doutrina política de secularismo, que, ao longo do tempo, uma variedade de conceitos, práticas e sensibilidades se uniram para formar o ‘secular’” (ASSAD, 2021. p.26). Acerca da mídia (ele fala da mídia nacional e inclui a educação nisso) o autor também diz, “Pois, a mídia não é o meio pelo qual os indivíduos simultaneamente imaginam sua comunidade nacional; ela faz a mediação dessa imaginação, constrói a sensibilidade que a sustentam.” (ASSAD, 2021. p. 15).

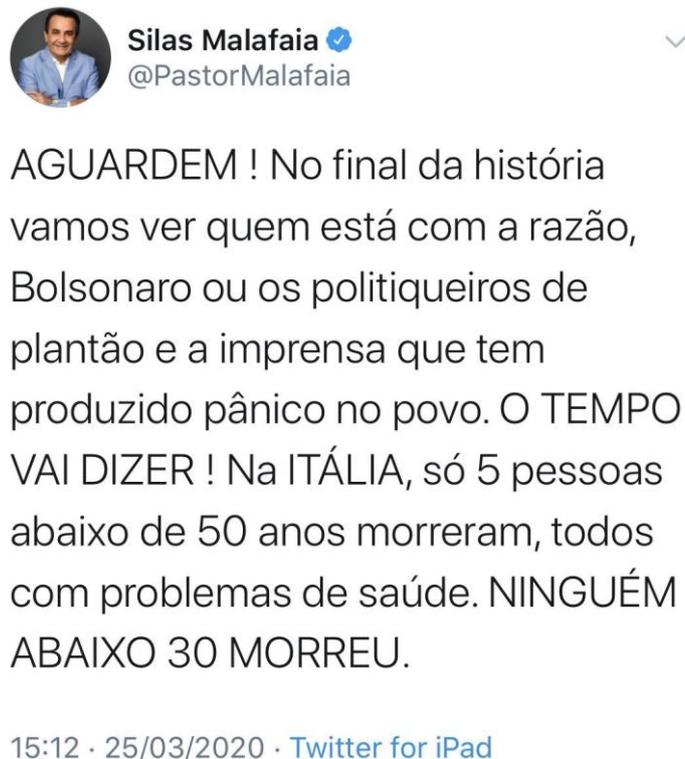
As redes sociais (no caso desse trabalho as referências de prints estão sendo tiradas do Twitter-X) são espaços atualmente quase que inescapáveis para estudos das ciências sociais por exemplo. Segundo o sociólogo espanhol Manuel de Castells:

Nosso mundo está em processo de transformação estrutural desde há duas décadas. É um processo multidimensional, mas está associado à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação, que começaram a tomar forma nos anos 60 e que se difundiram de forma desigual por todo o mundo. Nós sabemos que a tecnologia não determina a sociedade: é a sociedade. A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias. Além disso, as tecnologias de comunicação e informação são particularmente sensíveis aos efeitos dos usos sociais da própria tecnologia. (CASTELLS, 2005, P.17)

A vacinação contra a Covid-19 no Brasil teve início em 17 de janeiro de 2021 e desde então pode-se observar a formação desses grupos que negam a eficácia da

vacina. Esse fenômeno é resultado de uma religião como muitos pensam? Não dá pra negar a influência do pensamento religioso no Brasil, a Igreja Católica carrega a sua força histórica e podemos notar uma crescente presença evangélica no meio público; e para esse último grupo a palavra de seu pastor é fundamental. No dia 10 de janeiro de 2022, Silas Malafaia, publicou em seu Twitter o seguinte acerca da vacinação infantil contra o Covid19: “Vacinar crianças é um verdadeiro infanticídio. Os números provam que não há necessidade de fazer isso¹.” Esse tipo de fala pode ser encontrado aos montes nas redes sociais e parte do discurso que desacredita a obrigatoriedade da vacinação está no pensamento de que a vacina foi desenvolvida e fabricada em um período de curto tempo. Outra parte envolve diretamente questões religiosas e/ou espirituais. Outro post do pastor, publicado logo no início da pandemia também mostra sua desconfiança e descrédito acerca da disseminação de informações por partes dos sistemas de saúde e mídias:

Figura 2: Malafaia desacreditado



¹ A postagem do pastor Malafaia repercutiu de tal forma que o próprio Twitter a removeu, alegando que o usuário acabou violando as regras da plataforma, mas pode ser facilmente encontrada uma imagem da postagem numa pesquisa no Google.com

Fonte: Disponível em:

<https://twitter.com/PastorMalafaia/status/1242876959593574403>

Como já sabemos os acontecimentos seguiram o oposto do informado pelo pastor.

No início da vacinação contra a COVID19, houve um grande alarde de todas as partes da sociedade acerca dos riscos e reações da mesma, uma das mais faladas foi a miocardite (em jovens), que é a inflamação do tecido muscular do coração (o miocárdio) e sua causa pode partir de várias possibilidades, dentre elas “medicamentos que afetam o coração” de acordo com uma rápida pesquisa no Google.com. Isso foi o suficiente para um pânico se instaurar em alguns grupos. A palavra *genocídio*, que quer dizer extermínio em massa de um grupo de pessoas, foi umas das mais usadas nas redes sociais, caiu na boca do povo. Muitos acusaram o, na época, presidente, Bolsonaro, de subestimar a pandemia mesmo com o crescimento no número de contaminações e mortes, e pelo atraso do início da vacinação no Brasil. Do outro lado, na corrida pelo desenvolvimento da vacina que acontecia no ano de 2020 em muitos países ao redor do mundo e das pesquisas que seguiram depois da liberação para a aplicação na população, a mesma palavra foi utilizada para acusar governos e a indústria farmacêutica. A ideia compartilhada por muitos era/é que a vacina desenvolvida para combater o vírus da COVID19 veio para exterminar a população mundial, em especial os jovens.

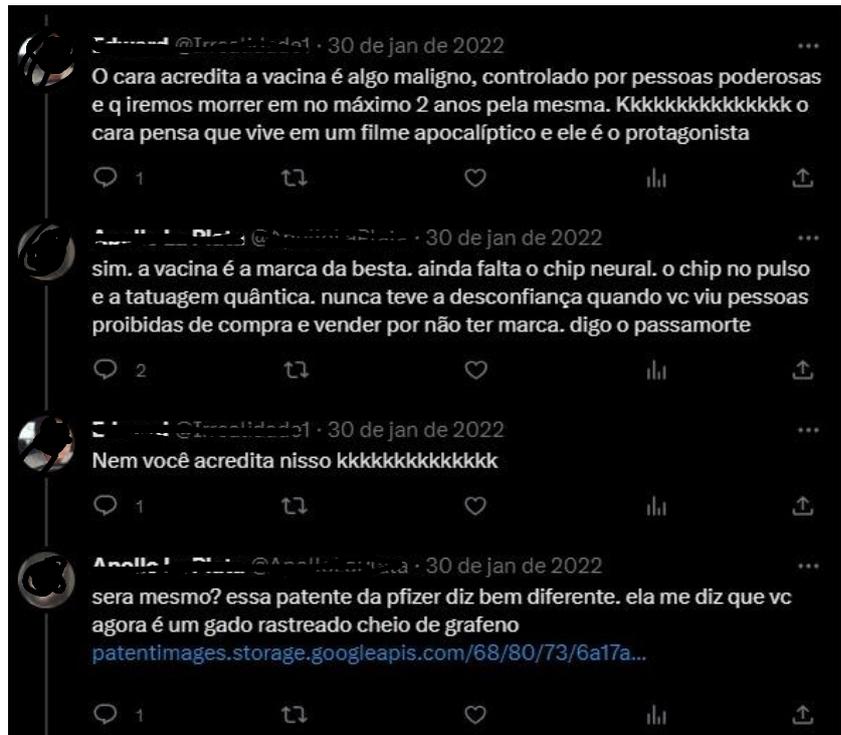
Para Berger “A capacidade de manipular diferentes discursos (...) é um traço essencial de uma pessoa moderna” (BERGER, 2017, P.112). Segundo o autor, para a maioria das pessoas a secularidade e a não são mutualmente contraditórias (2017), mas podem encontrar caminhos de coexistência. Existem sim pessoas totalmente religiosas ou totalmente seculares e talvez o equilíbrio de ambos seja um caminho mais interessante. Negar as atividades seculares, como por exemplo, a ciência e o desenvolvimento de medicamentos pode ser um desserviço a sociedade (exemplo: isso fez com que pessoas deixassem de se vacinar contra a COVID19) – questionar isso não é o problema, mas justificar esse posicionamento (de total negação) com a religião é perigoso. No caso da vacinação contra a COVID19 houve a descredibilização da ciência por alguns indivíduos uma onda de manifestações e protestos (falando de redes sociais) acerca da obrigatoriedade dessa vacina para frequentar ambientes públicos e privados. A relevância e credibilidade que um pastor tem para a sua comunidade de fé é algo comum no meio evangélico, é respeitar e

ouvir o que um escolhido de Deus está dizendo aos crentes comuns. Algumas dessas declarações são ditas nos púlpitos das igrejas assim como nos palcos das redes sociais, como vimos no caso de Silas Malafaia no Twitter. Também podemos encontrar outras manifestações. Como a da “marca da besta” (figura 3) que faz referência a passagem Bíblica no livro de Apocalipse².

Uma matéria publicada no site Cultura UOL em janeiro de 2021 relatava que Pastores evangélicos influenciavam indígenas a não tomarem vacina contra a Covid-19. Em entrevista a Thaís Mayume, Perpétua Tsuni, liderança do povo Kokama relatou: “Falaram para ele [pastor] que essa vacina está contaminada e que dentro dela está inserida um chip” (MAYUME, 2021). Um famoso rapper estadunidense, Kanye West também fez declarações sobre o que acreditava ser a vacina contra o vírus. Em entrevista à revista Forbes, o cantor comparou o antígeno à marca da besta, afirmando: “Eles querem colocar chips dentro da gente, querem fazer todo tipo de coisa, para fazer com que não possamos atravessar os portões do céu” (RIBEIRO, 2020). Ele completou: “Nós rezamos. Oramos pela liberdade. É tudo sobre Deus. Precisamos parar de fazer coisas que enlouquecem a Deus. Então, quando eles dizem que a maneira de curar a Covid-19 é com uma vacina, sou extremamente cauteloso. Essa é a marca da besta” (RIBEIRO, 2020). Na imagem abaixo, dentre muitas encontradas na rede social Twitter, podemos observar um diálogo entre duas pessoas sobre o mesmo assunto:

² Também obrigou todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, a receberem certa marca na mão direita ou na testa, para que ninguém pudesse comprar nem vender, a não ser quem tivesse a marca, que é o nome da besta ou o número do seu nome. Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Seu número é seiscentos e sessenta e seis.
(Apocalipse 13:16-18)

Figura 3: Parte de diálogo sobre a vacina e a marca da besta



<https://twitter.com/Irrealidade1/status/1487790278211690499>

O tema “fim dos tempos” é de grande relevância para os evangélicos. Em um artigo publicado pela o autor chama atenção para essa temática e como ela é utilizada por alguns indivíduos e considera que: “O estudo da Escatologia Bíblica fica severamente prejudicado quando pela falta de compreensão sobre a manifestação do Anticristo e de tudo que está relacionado ao entorno do tema.” O uso indevido de porções isoladas é um atrapalho para a compreensão completa desse ponto teológico.

A valorização e defesa da ciência e seus métodos são defendidas por muitas pessoas. Como já muito citado nesse trabalho, no período da produção da vacina contra o COVID19 e em sua aplicação, muitos relataram suas desconfianças, mas também, um grande número de brasileiros se mostrou contentes e apoiadores dessa causa. Porém, não ter fé na ciência ou questionar a indústria farmacêutica e práticas da medicina não deveria ser considerado algo de outro mundo. A dúvida e o questionar são pontos comuns nos indivíduos e relevantes para a ciência e qualquer pesquisa. Por exemplo, algo que vem sendo discutido cada vez mais todos os anos é a questão do Trabalho de Parto (TP) e a humanização de todo o processo de gestação (pré-natal, parto e pós-parto/puerpério), essa discussão coloca em xeque o

trabalho dos médicos e a utilização errônea de diversos procedimentos pelos profissionais de saúde, os quais são considerados desnecessários pelas recomendações do Ministério da Saúde. Existe uma forte crítica de que a medicina desumanizou o TP:

Quando se trata dos serviços de saúde, nota-se que na realidade existe uma fragmentação da assistência, onde o corpo da mulher se torna objeto de intervenções, e a não humanização do processo rompe o cuidado entre a solidariedade, as relações afetivas e a confiança. Muitas mulheres sofrem no padrão obstétrico intervencionista, medicalizado e hegemônico (DA SILVA apud SILVA *et al.*, 2020).

Outro exemplo que pode ser explorado é a utilização dos óleos essenciais principalmente para a técnica de aromaterapia, que é uma técnica de inalação, geralmente as pessoas que utilizam esses óleos fazem esse processo de aromaterapia para relaxamento do corpo, massagem, banhos, compressas que podem ajudar até nas dores de cabeça:

Atualmente, embora o recurso aos medicamentos de síntese química continue a ser elevado nos países desenvolvidos, nas últimas décadas tem-se verificado uma maior procura de fitoterápicos entre os consumidores. Também a área de investigação tem vindo a demonstrar interesse renovado pelos fitoterápicos, em muito, devido às inovações de equipamentos e técnicas que têm permitido obter mais informações acerca destes produtos naturais (FERREIRA apud CUNHA *et al.*, 2012).

A coexistência e relativização de diferentes cosmovisões é quase que inevitável e para Peter Berger, a relativização ocorre pelo menos minimamente, quando alguém se compara visivelmente de maneira diferente daquilo que o outro aceitava normalmente como sendo o comportamento apropriado (BERGER, 2017. P. 23). Como já pontuado, a modernidade traz consigo características como secularização e racionalização, para Berger esse processo ultrapassa a sociedade e gera uma crise de legitimação e em consequência disso, uma crise de sentido, ou seja, esses múltiplos processos de racionalização geraram, conseqüentemente, os processos de secularização (VASCONSELOS apud BERGER; LUCKMANN, 2004. P 15).

A cultura é vista como um grande mercado de ofertas de sentido, no qual nenhuma delas possui mais um lugar normativo, mesmo de exceção. Cada oferta se apresenta e concorre entre si na disputa por hegemonia na sociedade. Se antes os indivíduos herdavam culturalmente papéis sociais e eram quase que obrigados a repeti-los, como fizeram seus antepassados, no mundo moderno, plural, os indivíduos estão diante de um "menu" complexo e diversificado de ofertas de sentido, válidas para as várias esferas da existência (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 69).

Segundo Berger as instituições podem ser tanto intermediadoras dos grupos sociais quanto uma força de imposição:

Assim, por exemplo, uma comunidade eclesial local, um grupo psicoterapêutico e mesmo uma Secretaria de Estado de Bem-Estar podem ser uma instituição realmente intermediadora para seus membros ou associados (a expressão inglesa “mediating structure” descreve melhor esta função). Mas a mesma forma de instituição pode ser também para o indivíduo uma força imposta, estranha a seu mundo e, inclusive, hostil. Ambas as formas são “secundárias”, ambas comunicam sentido. Mas só na primeira forma mencionada conseguem mitigar os aspectos negativos da modernização (alienação, anomia) ou superar as crises de sentido que possam surgir. A segunda forma contribui para a “alienação (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 69).

Ao longo desse período pandêmico, muitas acusações foram feitas a líderes políticos e religiosos por um tipo de falta de responsabilidade pela saúde pública como já foi citado aqui. Todos estavam observando e sendo observados, quem saia menos de casa colocando menos em risco a sua vida e a vida do próximo? Quem evitava encontros com mais de 5 pessoas? Quem respeitava o lockdown e as restrições colocadas pelo Governo? Quem andava com um álcool em gel na bolsa? Quem usava máscaras? Os que não respeitavam ou seguiam tais sugestões de precaução e higiene eram criticados. O caso da influenciadora digital, Gabriela Pugliesi em abril de 2020 foi muito repercutido nas redes sociais e nos jornais, por meio do Instagram a mesma compartilhou vídeos em uma festa na sua casa, com amigos próximos, comes e bebes. Por causa disso a influenciadora digital recebeu grande reprovação e críticas nas redes sociais, onde as pessoas foram cobrar as empresas que tinham algum contrato de trabalho com a mesma, segundo uma matéria publicada pela Forbes no período do ocorrido:

Essa cobrança da sociedade sobre as empresas fez com que a influencer perdesse quase uma dezena de contratos publicitários, de marcas como HOPE, Baw, LBA, Body For Sure, Desinchá, Evolution Coffee, Rappi, Mais Pura e Liv Up. Além disso, outras companhias que já tinham contratado Gabriela no passado, como Copenhagen, Ambev e Fazenda Futuro, já se pronunciaram dizendo discordar de suas atitudes e não a enxergar mais como uma futura parceira de trabalhos. (CALAIS, 2020)

O que fez com que alguns indivíduos decidissem não seguir as recomendações da Organização Mundial de Saúde e dos Governos Estaduais, vai além de unicamente aspectos religiosos, já vimos que isso influenciou sim alguns evangélicos, mas isso não foi um acontecimento isolado para esse grupo. Quando Hannah Arent, escrevendo sobre o regime totalitário do nazismo coloca em questão o porque de muitos alemães terem aderido ao mesmo, segundo a professora Sônia Maria Schio,

Arent não leva em consideração apenas a propaganda, fanatismo ou a própria guerra, mas considera que tal degradação deve ter suas origens, suas "raízes", e não apenas as causas, em momentos mais distantes, e que precisam ser investigados para que se possa compreendê-los e evitar sua repetição (SCHIO, 2015).

Em sua ascensão, tanto o movimento nazista da Alemanha quanto os movimentos comunistas da Europa depois de 193017 recrutaram os seus membros dentre essa massa de pessoas aparentemente indiferentes, que todos os outros partidos haviam abandonado por lhes parecerem demasiado apáticas ou estúpidas para lhes merecerem a atenção. A maioria dos seus membros, portanto, consistia em elementos que nunca antes haviam participado da política. Isso permitiu a introdução de métodos inteiramente novos de propaganda política e a indiferença aos argumentos da oposição: os movimentos, até então colocados fora do sistema de partidos e rejeitados por ele, puderam moldar um grupo que nunca havia sido atingido por nenhum dos partidos tradicionais. Assim, sem necessidade e capacidade de refutar argumentos contrários, preferiram métodos que levavam à morte em vez da persuasão, que traziam terror em lugar de convicção (ARENDRT, 2013, p. 413)

A intenção aqui não é fazer um comparativo direto entre os negacionistas ou críticos a vacina em relação ao nazismo, mas levantar a questão de que a adesão de um grupo a certas ideias que podem parecer absurdas para outros (e no caso do nazismo de fato é) faz parte de um processo mais longo. É importante ao menos refletir que as pessoas estão em horizontes hermenêuticos, consolidado ao longo de anos e que é suspender essas variadas formas de pensar e criticar a própria ciência e/ou a indústria farmacêutica de forma abrupta. Para Berger e Luckmann (2004), nessas diferentes dimensões de sentido é que se constrói a complexibilidade do agir social e das relações sociais.

...o indivíduo tem de superar nas sociedades modernas tanto as incertezas de sentido quanto a indecisão do julgamento moral. Em primeiro lugar, não pode ter certeza de que aquilo que julga bom e justo também seja assim considerado pelos outros; em segundo lugar, nem ele mesmo sabe sempre o que é bom e justo para si próprio. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 87)

Acerca da produção de vacinas contra a COVID19 vale pontuar o caso de março de 2022 quando começaram a ser publicados milhares de páginas de documentos relacionados a avaliação da vacina contra a covid-19 desenvolvida pela farmacêutica Pfizer-BioNTech. Segundo o site Poder 360, o grupo Public Health and Medical Professionals for Transparency (Profissionais de Saúde Pública e Médicos pela Transparência, em tradução literal) entrou com um pedido de acesso à informação solicitando que todos os documentos relacionados à aprovação da

vacina da Pfizer na FDA fossem liberados. Segundo uma matéria publicada pela revista *Gazeta do Povo*, a Administração de Alimentos e Drogas dos Estados Unidos (FDA) havia proposto liberar os documentos no ritmo de 500 páginas por mês. Isso significa que a liberação completa levaria mais de 55 e justificaram que somente dez funcionários cuidam dessa tarefa, e que já estavam ocupados com 400 outros pedidos de informação via lei de acesso à informação (VIEIRA, 2022). No fim a FDA foi condenada a tornar públicas 300 mil páginas dos documentos, começando com a liberação (a partir de março de 2022) de 12 mil, seguida de 55 mil páginas por mês.

Não é possível afirmar nesse trabalho se os críticos aos que questionam a eficácia de tal vacina e de seus efeitos estão lendo e acompanhando a publicação desses documentos, a questão é que é interessante que seja tomada cautela na hora de interpretar e questionar os dados fornecidos.

3. Considerações finais

Estar numa “bolha” é um tipo de metáfora que quer dizer não estar num meio plural. Pode ser confortável estar inserido em um grupo onde todos falam o mesmo idioma, tem as mesmas ideias, creem nos mesmos acontecimentos e reprovam as mesmas ideologias, na teoria, nesse lugar não existe discussão, considerando que todo mundo pensa quase que a mesma coisa sobre o mundo e pessoas que o preenche; nesse lugar não há espaço para a relativização de nada. Mas, é interessante que compreender como a realidade pode ser percebida e vivida de jeitos e formas diferentes pode mudar a forma como lidamos com os acontecimentos e tragédias do mundo, sabendo que “as coisas podem ser de fato realmente diferentes” (BERGER, 2017). O que tornou a aceitação e defesa em alguns casos quase que cega, da vacina é algo que o trabalho em questão não respondeu, mas considerarei relevante pontuar o outro lado da moeda, mostrando que não foi a partir da pandemia que surgiram questionamentos acerca da ciência trazendo os exemplos da medicina, como as críticas a assistência dada as mulheres grávidas e a preferência de pessoas ao uso de óleos essenciais do que medicamentos químicos desenvolvidos na indústria farmacêutica. Mesmo com a relevância da opinião trazida por lideranças políticas e religiosas no meio evangélico, isso não conseguiu mover todos desse

grupo para uma única opinião esse grupo tão diverso. O objetivo desse trabalho foi discutir como um emaranhado de controvérsias, nesse caso, acerca do envolvimento de alguns evangélicos na pandemia, não nos leva a conclusões genéricas e rápidas, mas direciona a questionamentos sobre a modernidade e como essa influencia na atribuição de sentido da vida.

4. Referências

ASAD, Talal. "A construção da religião como uma categoria antropológica." Cadernos de Campo (São Paulo-1991) 19.19 (2010): 263-284.

ASAD, Talal. Formações do Secular: Cristianismo, Islã, Modernidade. 1ª edição. São Paulo: Editora Unifesp, 2021.

ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Editora Companhia das Letras, 2013.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. Modernidade, pluralismo e crise de sentido. A orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERGER, Peter L. Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Editora Vozes Limitada, 2017.

BGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010: Manual do Recenseador. CD 1.09. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

CALAIS, Beatriz. Festa durante isolamento pode ter causado prejuízos de R\$ 3 milhões a Gabriela Pugliesi. Forbes, 2020. Disponível em: <<https://forbes.com.br/principal/2020/05/festa-durante-isolamento-pode-ter-causado-prejuizos-de-r-3-milhoes-a-gabriela-pugliesi/>>. Acesso em: 23/09/2023

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro; GUSMÃO, Eduardo Henrique. Religião em movimento: relações entre religião e modernidade. *Campos-Revista de Antropologia*, v. 11, n. 1, p. 65-83, 2010.

CASANOVA, José. O problema da religião e as ansiedades da democracia secular europeia. *Revista de Estudos da Religião*, v. 10, p. 1-16, 2010.

CASTELLS, Manuel et al. A sociedade em rede: do conhecimento à política. A sociedade em rede: do conhecimento à ação política, p. 17-30, 2005.

COSTA, Joaquim. *Sociologia da Religião: Uma breve introdução* / Joaquim Costa. – Aparecida, SP: Editoria Santuário, 2009. (Coleção Cultura e Religião).

DA SILVA, Esther Lima et al. Parto humanizado: benefícios e barreiras para sua implementação. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 15, p. e528101523275-e528101523275, 2021.

DEER, Brian. Saiba mais sobre Brian Deer, o homem que desmascarou a fraude que ligava vacinas ao autismo. *Butantan Educa*. Disponível em: <<https://butantan.gov.br/butantan-educa/saiba-mais-sobre-brian-deer-o-homem-que-desmascarou-a-fraude-que-ligava-vacinas-ao-autismo>>. Acesso em: 14/09/2023.

DULLO, Eduardo. "Capítulo para Renata Menezes e Faustino Teixeira/Editora Vozes—Talal Asad." Disponível em: https://www.academia.edu/50767437/TALAL_ASAD_Uma_apresenta%C3%A7%C3%A3o

FIOCRUZ. Estudo analisa registro de óbitos por Covid-19 em 2020. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-analisa-registro-de-obitos-por-covid-19-em-2020>>. Acesso em: 14/09/2023.

FERREIRA, Ana Rita Alves. *Uso de óleos essenciais como agentes terapêuticos*. 2014. Tese de Doutorado. [sn].

GOMES, Mércio Pereira. Antropologia: ciência do homem: filosofia da cultura / Mércio Pereira Gomes. - 2. ed, 9ª reimpressão. - São Paulo : Contexto, 2019. p.133-153.

IHU - Instituto Humanitas Unisinos. Bolsonaro: de presidente um sacerdote de sumô. Disponível em: \<<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/597867-bolsonaro-de-presidente-a-sumo-sacerdote>\>. Acesso em: 14/09/2023.

JACOB, Cesar Romero. Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil. Edições Loyola, 2003.

MAYUME, Thaís. Pastores evangélicos estão influenciando indígenas a não tomarem vacina contra a Covid-19, diz liderança Kokama. Cultura UOL, 2021. Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/noticias/16111_pastores-evangelicos-estao-influenciado-indigenas-a-nao-tomarem-vacina-contr-a-covid-19-conta-lideranca.html>. Acesso em:14/09/2023

MALAFIA, Silas. ““Vacinar crianças é um verdadeiro infanticídio. Os números provam que não há necessidade de fazer isso.” 10 janeiro 22. Twitter: @PastorMalafia. Disponível em: <https://twitter.com/PastorMalafia>

MAURICIO JUNIOR, Cleonardo Gil de Barros. Como os evangélicos discutem política? a constituição do crente-cidadão entre os jovens universitários da igreja de Silas Malafia. 2019.

McGRATCH, Alister. Ciência e religião: fundamento para o diálogo. tradução de Roberto Covolan. 1ª edição, Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

RANQUETAT Jr., Cesar Alberto. Ciência e Religião: os debates em torno das pesquisas com células-tronco embrionárias no Brasil. Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, v. 12, n. 13, p. 37-56, 2010.

REINHARDT, Bruno. Afetos seculares. Religião & Sociedade, v. 37, p. 167-174, 2017.

REIS, Pedro Rocha. CIÊNCIA E CONTROVÉRSIA SCIENCE AND CONTROVERSY.

RIBEIRO, Wandy. Kanye West diz que vacina para Covid-19 será a marca da besta. ICTQ. Disponível em: <<https://ictq.com.br/farmacia-clinica/1772-kanye-west-diz-que-vacina-para-covid-19-sera-a-marca-da-besta>>. Acesso em: 15/09/2023.

SCHIO, Sônia Maria. Hannah Arendt: totalitarismo e dignidade humana. Revista Seara Filosófica, n. 10, p. 5-16, 2015.

SIQUEIRA, Gutierres. Quem tem medo dos evangélicos? Religião e democracia no Brasil hoje. 1 edição. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

VASCONCELOS, Sergio Sezino Douets; SILVA, Lucileide Cavalcante. A crise de sentido e os novos arranjos da fé: enfoques teóricos a partir de Daniele Hervieu-Léger. Logos & Culturas, v. 2, n. 2, p. 9-20, 2022.

VIEIRA, Eli. O que documentos inéditos sobre a vacina da Pfizer revelam sobre seus riscos. Gazeta do Povo, 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/o-que-documentos-ineditos-sobre-a-vacina-da-pfizer-revelam-sobre-seus-riscos/>

VIEIRA, Silva. Novo decreto de medidas preventivas à Covid-19 proíbe visitação aos cemitérios de Santarém nos dias 9 e 10 de maio. G1, 2020. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2020/04/28/novo-decreto-de-medidas-preventivas-a-covid-19-proibe-visitacao-aos-cemiterios-de-santarem-nos-dias-9-e-10-de-maio.ghtml>>. Acesso 22/09/2023.

WEBER, Max. "A ética protestante e o "espírito" do capitalismo: o problema." Companhia das letras, 2013.

WOHLRAB-SAHR, Monika; BURCHARDT, Marian. Revisitando o secular. Política & Sociedade, v. 16, n. 36, p. 143-173, 2017.